

GEOGRAFIA DO CRIME: O CASO DE UMA QUADRILHA DE BANDIDOS NA FRONTEIRA MERIDIONAL DO BRASIL (1880 – 1887)

DÁRIO MILECH NETO¹; JONAS MOREIRA VARGAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – milechneto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema geral o fenômeno do banditismo, estudado através da atuação de uma quadrilha de salteadores na região da fronteira meridional do Brasil, entre os anos de 1880 e 1887. Liderada pelo lavrador Juvêncio Rodrigues Pereira, a quadrilha causou diversos problemas para as forças policiais, praticando assaltos e assassinatos, sobretudo nos municípios de Bagé, Piratini, Arroio Grande, Canguçu e Pelotas, no Rio Grande do Sul.

O principal objetivo desta pesquisa da área de História é elencar e compreender as possíveis causas que permitiram que o banditismo surgisse e se sustentasse enquanto prática na citada região. O estudo tem como foco as transformações sociais e econômicas que estavam em curso naquele espaço geográfico durante a segunda metade do século XIX.

Um dos primeiros historiadores a se debruçar sobre o tema do banditismo foi BRAUDEL (2015). Para BRAUDEL (2015, p. 133), a multiplicação de meliantes e bandidos no final do século XVI era um sinal que apontava para a miséria em que se encontravam as regiões da península itálica e na península ibérica.

Mas BRAUDEL (2015) não tinha como preocupação central o estudo do banditismo. Foi somente com HOBSBAWM (1983) que o assunto se tornou o tema principal a ser analisado por um trabalho de história. Em *Rebeldes Primitivos*, de 1959, ele estudou os modos arcaicos de protesto social no sul da Itália, a máfia, o milenarismo, a violência na Colômbia e o movimento dos campesinos no Peru. Porém, só em 1969 HOBSBAWM (2015) se debruçou sobre o termo “banditismo social”, sendo o primeiro a problematizar teoricamente o tema com o livro *Bandidos*.

Após a publicação de seus estudos, HOBSBAWM (2015) recebeu críticas diversas acerca de alguns pontos do seu trabalho. As mais conhecidas delas são as de BLOK (1972) e SLATTA (1987). Blok escreveu que o historiador britânico prestou mais atenção nos bandidos e camponeses em si do que na sociedade como um todo. Já SLATTA (1987) preocupou-se em trazer novos tipos de fontes para a abordagem do banditismo, como os arquivos da polícia e do poder judiciário, criticando HOBSBAWM (2015) por depender demais de fontes populares e folclóricas, além de criticar a ausência da visão que as classes médias urbanas teriam desses bandidos.

FERRERAS (2003) percebeu o foco no empirismo em estudos sobre a temática no início dos anos 2000. Foi justamente FERRERAS (2003) que sublinhou o fato de muitos historiadores enxergarem a questão apenas pela oposição entre “senhor” e “bandido”, ao invés de perceber que o mundo rural é muito mais complexo que isso. O banditismo continuaria a ser chamado de “social” e seria muito mais interessante pesquisar as causas da violência rural.

No Brasil, até esse período (década de 2000), a maioria dos trabalhos que tratavam do banditismo tinha como ênfase o fenômeno do cangaço. FONTELES NETO, BRETAS e THOMPSON FLORES (2019) demonstraram, através de



algumas pesquisas expostas em capítulos, que o banditismo se deu em várias regiões do Brasil e que pesquisas clássicas, como as de HOBSBAWM (2015) ainda são imprescindíveis para se debater o tema.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com a pesquisa em fontes da imprensa da época, sobretudo em periódicos de Pelotas (como o *Correio Mercantil* e *A Discussão*, consultados no acervo de documentação da Biblioteca Pública Pelotense), além de outros jornais que reproduziram as notícias locais, tais como *A Federação*, *Jornal do Commercio* e *Jornal do Recife* (consultados de forma *online* através do site da Hemeroteca Digital Brasileira).

A importância do uso de periódicos em estudos sobre a violência e o crime foi demonstrada por KALIFA (2019), na clássica obra *A Tinta e o Sangue: Narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque*, derivada da sua tese de doutorado, em que estudou a profusão de relatos de crimes (fatos diversos criminais - *faits divers* -, romances e filmes) no período das vésperas da 1ª Guerra Mundial em Paris. KALIFA (2019) demonstrou, com alguns exemplos, como as notícias eram construídas e os fatos eram narrados com sensacionalismo, além do funcionamento dos periódicos e as disputas de narrativas entre as redações, que buscavam maiores vendas dos jornais através de notícias sobre a criminalidade.

Além dos periódicos, utilizamos um processo criminal de 1882, gerado quando o líder da quadrilha, Juvêncio Rodrigues Pereira, assassinou um conhecido seu em uma discussão envolvendo uma aposta em carreira de cavalos. Com o cruzamento entre os periódicos consultados e o processo-crime observamos alguns sujeitos históricos que se repetem e quem eram os componentes do bando.

Também foram consultados censos, como o censo imperial de 1872 e o censo de 1890, para termos um panorama minimamente confiável sobre o contexto demográfico da região sul do Rio Grande do Sul.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo KALIFA (2019, p. 424), os relatos de crime vão ligando o acontecimento a um espaço preciso, formando uma espécie de pontilhismo geográfico, ou seja, uma identidade geográfica da criminalidade. Dito isso, pontuamos em um mapa (recorte de satélite), os lugares em que a quadrilha de Juvêncio Pereira foi vista e cometeu crimes:

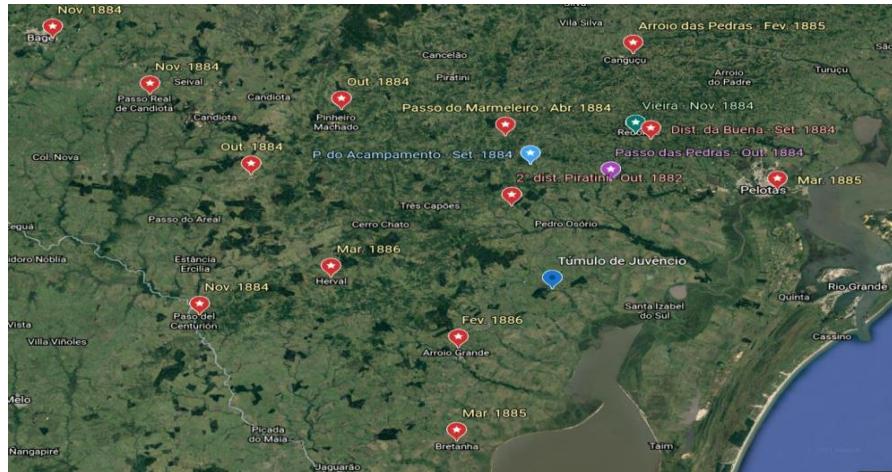


Figura 1 - Locais em que a quadrilha foi vista e cometeu crimes.

Assim, podemos perceber melhor o manejo e apropriação desse espaço pelo bando, transformando-o naquilo que BARROS (2017) classificou como “território”: um espaço apropriado por um ou mais atores históricos através de uma prática (como o banditismo), causando conflitos de poder nessa área. O termo “território de mando” foi usado por SILVA (2007) ao pesquisar o banditismo em Minas Gerais no século XVIII e constatar que existia uma cultura política de mandonismo rural.

Esse espaço, ao mesmo tempo em que era manejado pelo grupo em questão (bandidos), sofreu diversas transformações no período estudado – transformações que contribuíram para que o banditismo se tornasse uma prática consolidada. Segundo BELL (1998), o Rio Grande do Sul teria adotado as inovações econômicas no campo de uma forma mais lenta do que os países vizinhos da região do Prata (Uruguai e Argentina). O cercamento dos campos da campanha rio-grandense, por volta da década de 1880, fez com que a mão-de-obra ficasse excedente nas estâncias, que não precisavam mais das figuras dos posteiros, por exemplo.

Atreladas aos cercamentos estão três questões levantadas por CHASTEEN (2003): o fim da escravidão, a diminuição nos espaços das estâncias provocada pelas sucessivas heranças e o rápido crescimento populacional durante esse mesmo período. Sobre esse último ponto, apenas para citar um exemplo, se considerarmos como minimamente confiáveis o censo imperial de 1872 e o censo de 1890, veremos que nesse período de 18 anos, a população total de Canguçu aumentou aproximadamente 32%. Daí resultaria o cenário desolador de pobreza e fome no final do século XIX na campanha sul-rio-grandense.

Um cenário que propiciava o aumento da criminalidade, ainda mais visto que “o banditismo tendia a tornar-se epidêmico em épocas de pauperismo ou de crise econômica” (HOBSBAWM, 2015, p. 42). Boa parte das pessoas não tinha mais um emprego fixo “e ganhava seu pouco e desanimador dinheiro somente quando as estâncias necessitavam de mão de obra extra, como em épocas de marcação de gado ou de tosquia” (CHASTEEN, 2003, p. 92).

O trabalho se encontra em sua etapa final, por se tratar de uma tese de doutorado que já passou por uma banca de qualificação.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa constatou que o espaço geográfico (região meridional do Rio Grande do Sul), manejado pela quadrilha de Juvêncio Rodrigues Pereira,



passou pelas transformações levantadas por autores como BELL (1998) e CHASTEEN (2003). As fontes (sobretudo os jornais e os censos) demonstraram que a fome, o desemprego e a criminalidade aumentaram, de fato, no período estudado. Foi também o momento que inovações tecnológicas, como o telégrafo e as ferrovias, chegaram no local de atuação do bando.

Não se pretendeu aqui embasar um determinismo histórico, como se a prática do banditismo fosse um processo de resistência ao recém-chegado sistema capitalista. Tentamos demonstrar que o banditismo foi considerado uma atividade para vários sujeitos naquele período, em uma região de fronteira, já permeada desde a época colonial pela violência entre soberanias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BELL, Stephen. **Campanha Gaúcha. A Brazilian Ranching System, 1850 - 1920**. Stanford: Stanford University Press, 1998.

BLOK, A. The peasant and the brigand: Social Banditry reconsidered. In: **Comparative studies in Society and History**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 4, September 1972.

BRAUDEL, Fernand. **El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II**. Tomo segundo. México (D. F.): Fondo de Cultura Económica, 2015.

CHASTEEN, John Charles. **Fronteira Rebelde: A Vida e a Época dos Últimos Caudilhos Gaúchos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 2003. 227 p.

FERRERAS, Norberto O. Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. **História [online]**. 2003, vol.22, n.2, pp.211-226.

FONTELES NETO, Francisco. L.; BRETAS, Marcos. L.; THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha (Org.). **História do Banditismo no Brasil: novos espaços, novas abordagens**. 1ª. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2019. v. 1. 312p.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos: Estudios sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX**. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.

KALIFA, Dominique. **A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SILVA, Célia Nonata da. **Territórios de mando: banditismo em Minas Gerais, século XVIII**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

SLATTA, R. (Ed.). **Bandidos. The varieties of Latin American Banditry**. New York: Greenwood Press, 1987.